

Guerra dos sexos?

Se elas falam da vida dos outros, isso é 'coscuvilhice', mas se são eles, trata-se apenas de 'curiosidade saudável'. Se elas tentam usar o campo de jogos, logo são interrompidas pelos rapazes, com a justificação de que elas não jogam futebol suficientemente bem para usar o campo...

Maria do Mar Pereira, Professora Auxiliar na Universidade de Leeds, no Reino Unido, decidiu analisar sociologicamente aquilo que se vai passando todos os dias nos recreios das escolas portuguesas e não foi de modas: agarrou numa mochila, vestiu as calças de ganga e foi para a escola, ter aulas com uma turma de 8º ano. Todas as conclusões, peripécias e curiosidades sobre esta aventura estão no livro "Fazendo Género no Recreio: a Negociação do Género e Sexualidade entre Jovens na Escola".

Por que decidiu estudar com mais profundidade este tema dos recreios?

(...) Cada sociedade tem as suas regras sobre a forma como homens e mulheres se devem comportar e quem não obedece a essas regras sofre as mais variadas penalizações. Por isso, todos os dias crianças, jovens e adultos vão adaptando o seu comportamento para melhor encaixar nesses modelos. Estes processos têm efeitos muito profundos na vida de todos os adolescentes e geram, frequentemente, ansiedade, desconforto e até violência. Como tal, é fundamental não só compreendermos melhor como é que estes processos funcionam, mas também questionar e transformar estes modelos tão restritivos e tóxicos de feminilidade e masculinidade.

O meu estudo pretendia precisamente contribuir para compreender melhor estes processos. Foi com jovens (de 8º ano, com cerca de 14 anos), porque esta é uma faixa etária em que essa aprendizagem e negociação das normas e comportamento é particularmente intensa e tem um grande impacto.

Qual foi a escola onde durante três meses teve aulas com os restantes alunos?

Infelizmente, não posso revelar essa informação, porque garanti aos jovens e professores que participaram no estudo o total anonimato, e revelar o nome da escola poderia colocar isso em causa. No livro, uso o pseudónimo 'Escola Azul' para me referir à escola. Trata-se de um estabelecimento público de 2º e 3º ciclo, em Lisboa.

Uma das coisas mais fascinantes na forma como conduziu a investigação que originou o livro é o facto de ter ido para

as aulas com os alunos - de mochila e tudo! Como foi esta experiência?

Foi uma experiência cheia de peripécias, muitas delas decorrentes da estranheza que causava aos jovens e funcionários a minha presença na escola. Muitos dos rapazes e raparigas do 8º X (o pseudónimo que dei à turma) nunca tinham ouvido falar de sociólogas, portanto durante inicialmente estavam convencidos/os de que eu era uma 'sexóloga' e, portanto, radiantes por me ter ali. Durante os primeiros dias, fui sujeita a muitas perguntas e a olhares desconfiados, especialmente dos jovens de outras turmas. Vendo que todos olhavam para mim, e querendo ajudar-me a integrar e a passar despercebida, os jovens da turma examinaram em detalhe a minha aparência e deram-me conselhos detalhados sobre o que tinha de mudar - a minha mochila devia de ser de marca e mais estilosa, tinha de usar calças de ganga todos os dias, não podia usar certo tipo de colares. Um dos elementos mais importantes do estudo era tentar que a minha experiência na escola fosse o mais parecida possível com a os alunos. Isto significava posicionar-me também como uma aluna, e não como uma adulta, e o mais difícil foi precisamente habituar-me a ser de novo tratada como uma criança. Levei muitos encontrões nas escadas, boladas na cabeça ao circular pelo recreio e gritos de funcionárias ao tentar passar por certos corredores; as senhoras da cantina zangavam-se comigo se pedia sal e pimenta para adicionar à comida e os colegas nas carteiras da frente tentavam convencer-me durante os testes a dizer-lhes a resposta para esta ou aquela pergunta (e uma vez a resposta que dei não foi depois aceite como correta pela professora, e eles ficaram muito chateados comigo!).

Em resumo, quais são, afinal, os comportamentos mais associados a rapazes e aqueles que são mais associados a raparigas? Houve surpresas?

Pensamos muitas vezes que as raparigas e os rapazes têm gostos e comportamentos diferentes, e que essa diferença é algo de natural, normal e biológico. Este estudo - e outra investigação científica nesta área - demonstra que não é esse o caso. Rapazes e raparigas não têm gostos e comportamentos tão diferentes como imaginamos. Produz-se essa ilusão de uma diferença natural de

dois modos: (...) muito frequentemente invisibilizam-se as semelhanças entre os sexos, porque se atribuem nomes e valorizações distintas a um mesmo comportamento quando é assumido por um rapaz ou uma rapariga. Por exemplo, tanto raparigas como rapazes conversam frequentemente sobre a vida de outras pessoas, mas este comportamento é descrito como 'coscuvilhice' quando praticado pelas primeiras e 'apenas curiosidade saudável' quando praticado pelos últimos.

(...) Um exemplo é o caso da prática de futebol pelas raparigas. Quem chegue à escola vê rapazes a jogar futebol, e as raparigas sempre ausentes destes jogos, e poderia concluir disto que há aqui uma diferença natural. Mas muitas das raparigas tentavam usar o campo de jogos, só que os seus jogos eram sempre interrompidos pelos rapazes mais velhos, com a justificação de que elas não jogam futebol suficientemente bem para usar o campo. O que este exemplo demonstra é que não está definido pela natureza que as raparigas não gostam e não sabem jogar futebol; o que acontece é que a associação do futebol aos rapazes faz com que se levantem obstáculos vários à prática de futebol pelas raparigas, o que cria uma assimetria que não existia naturalmente.

(...)

Qual tem sido o feedback a este seu trabalho/livro por parte das escolas?

No final do estudo, dinamizei uma sessão de apresentação e debate dos resultados obtidos e partilhei com os jovens da turma a minha análise. Isto levou-os a constatar que ninguém estava contente com a situação, que ela tinha impactos nocivos em todos eles, e que estas normas não são naturais e inevitáveis. Isso, por sua vez, deu-lhes a motivação para deixar de excluir e ridicularizar os colegas e a confiança para tentar encontrar outras formas de interagir.

Através desta experiência e também da apresentação do estudo em outras escolas, verifica-se que é possível alterar estas situações de desigualdade - e é urgente fazê-lo! Os jovens aderem muito bem a discussões sobre estes temas e têm a capacidade de mudar os seus próprios comportamentos de forma a reproduzir menos estereótipos. Para isso, é necessário que se criem na escola, na família, nos meios de comunicação, oportunidades para discutir os estereótipos de género da nossa sociedade e os efeitos que eles têm na vida de todos nós (...).



Maria do Mar Pereira
Fazendo Género no Recreio
A negociação do género em espaço escolar

ICS

TEXTO Bruna Pereira
FOTOS Cedidas pela entrevistada

